

25 ANOS DE PRESENÇA NOTRE DAME EM MOÇAMBIQUE

Araci M. Ludwig*
Cecilia Giacomolli**

*Jesus se levantou para ler:
O Espírito do Senhor está sobre mim e me ungiu,
Para anunciar a Boa-Nova aos pobres,
para sarar os contritos de coração
para anunciar aos cativos a redenção,
aos cegos a restauração da vista,
para pôr em liberdade os cativos,
para publicar o ano da graça do Senhor!
... todos tinham os olhos fixos nele (Lc 4,16-20).*

Resumo: É totalmente impossível resumir num breve texto a obra grandiosa de instalação e desenvolvimento de um projeto missionário. Mesmo assim e, desafiando a realidade de um passado vivido entre sonhos, crises e potenciais fracassos, em poucos itens, nos propomos retomar a história riquíssima em atos heroicos de um projeto missionário protagonizado pela Congregação Notre Dame em terras africanas. O texto é apresentado em vários itens, subdivididos em breves subitens, para poder descrever a totalidade da realidade vivida. No primeiro item são abordados o convite e as razões para assumir a missão. O segundo traça uma breve imagem histórico-cultural e religiosa das terras africanas, locus da missão. Tornou-se objeto de reflexão os desafios da vida consagrada em terras africanas, tema abordado no terceiro item. No quarto, revisitam-se os passos dados pela Congregação Notre Dame em direção às terras africanas. Os demais itens abordam a consolidação da presença Notre Dame em terras africanas.

Palavras-chave: Congregação Notre Dame, Missão, África

* Araci M. Ludwig, irmã de Notre Dame, é superiora provincial da Província da Santa Cruz, que tem a missão em Moçambique. Já esteve por mais de 10 vezes em Moçambique para visita e trabalhos em relação à missão da evangelização junto às comunidades locais.

** Cecilia Giacomolli, irmã de Notre Dame, foi missionária, em Moçambique, de 2001 a 2018, e por vários anos trabalhou como missionária no Amazonas e no Acre. Em Moçambique atuou na evangelização e catequese, formação de novos membros e na educação.

1 Motivação: convite, razões para a missão

Na década de 1980, alguns bispos da África, entre eles Dom Francisco João Silota, bispo de Chimoio, Moçambique, procuraram as Irmãs de Notre Dame, no Generalato em Roma, solicitando religiosas para as suas dioceses. Os membros do Governo Geral entenderam que era chegado o tempo histórico para estender a Congregação até o Continente Africano. Em 1990, Irmã Maria Joel Overmann, superiora geral, e Irmã Maria Odete Weschenfelder, assistente Geral, visitaram o Quênia, a Tanzânia e Moçambique, fazendo os primeiros contatos com as Igrejas locais. Em setembro do mesmo ano, na Conferência Geral, em Patna, Índia, a questão foi apresentada às superiores provinciais para discernimento. O pensar do grupo foi positivo. À Província de Patna coube assumir a Tanzânia, devido à língua inglesa. Ao Brasil coube o convite para Moçambique, em virtude de aí ser falada a língua portuguesa. As respectivas províncias assumiriam ainda o desafio de suporte pela oração, pelo sustento econômico e pelo interesse missionário.

Mais tarde, Irmã Maria Lourdes Urban, superiora provincial da Província da Santa Cruz, com sede em Passo Fundo, avaliou a questão no conselho provincial e, depois, lançou uma consulta às Irmãs da Província sobre a possibilidade de assumir ou não a nova Missão, na África. Seria uma forma de comemorar os 20 anos de Missão no Acre e Amazonas. Houve uma grande vibração e alegria, pois chegou a hora da missão *Ad Gentes* para Província da Santa Cruz. Iniciou-se um processo de discernimento. As Irmãs eram da seguinte opinião: “Achamos que nossa Província tem condições de assumir a Missão na África”. Uma Irmã levantou uma motivação desafiadora: “Penso que não podemos aguardar mais tempo. Pessoas sempre faltarão, mas é preciso abrir para fortalecer quem o somos e o que temos. Creio que, assumindo esta atividade, reforçaremos o espírito missionário e apostólico de todas nós e de todas as

comunidades. É preciso dar do que temos e somos¹”. O Bispo de Gand, na Bélgica, já afirmara: “Minha Madre Júlia, a sua vocação consiste em ir por todo o mundo; as Irmãs não foram feitas para ficarem numa só diocese²”. Irmã Maria Aloysia, a fundadora da Congregação de Notre Dame, na Alemanha, também era animada por um profundo espírito missionário. Seu sonho era ser missionária na África.

Os preparativos para a Missão foram longos e envolventes. Ao processo de discernimento, seguiu a chamada de voluntárias. Doze Irmãs se ofereceram. Quatro, dentre elas, foram escolhidas em 1992: Irmãs Maria Licelda Giacomolli, Loiva Maria Urban, Maria Nilse Eidt e Maria Dirce Slaviero. Três professoras e uma enfermeira. O ano de 1992 foi considerado o ano de preparação das Irmãs pioneiras escolhidas e, em 1993, foram liberadas de suas principais atividades, a fim de se preparar para a missão. A Província já estava conscientizada de que chegara a hora de Irmãs brasileiras partirem para outras terras, seguindo o apelo: “Vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Eis que estarei convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,19-20). Esta mensagem evangélica também foi o apelo missionário para as 178 Irmãs de Notre Dame, alemães, que vieram à missão do Brasil, em 1923.

Na Assembleia da Província, realizada no começo de 1993, numa expressiva celebração, durante a Santa Missa, foi feito o Envio Missionário pela Província, tendo como ponto alto o compromisso missionário e a recepção da cruz. A 22 de agosto, na Catedral Nossa Senhora Aparecida, em Passo Fundo, RS, Brasil, foi celebrada a Missa de Envio a partir da Igreja diocesana. De uma visita à CRB/Nacional³, no final, após a

1 Carta da Irmã Maria Lourdes Urban – Circular 16, de 02/12/1991.

2 Júlia Billiard, à sua amiga, Madre São José, C 114.

3 Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, na véspera da partida das missionárias, vale registrar a celebração da Eucaristia presidida pelo Padre Edênio Reis Valle, SVD, então presidente da CRB/Nacional.

celebração do Envio, Pe. Edênio presenteou as Irmãs com a estola sacerdotal que usara na Missa. Disse que elas a usassem como sacerdotisas da missão moçambicana. Enviou-as em nome de todos os religiosos e religiosas do Brasil.

2 Moçambique: contexto político-econômico e socio-religioso

A República de Moçambique está situada na costa sul-oriental da África. O território em cerca de 44% é constituído por planícies, sobretudo no sul. Ao norte e no interior, surgem os planaltos. A rede hidrográfica compreende mais de 60 rios. O Zambeze, o maior rio do país, divide Moçambique ao meio, constituindo uma autêntica fronteira natural entre as duas regiões geográficas distintas: a região norte, com solos férteis e onde há a maior concentração florestal, e a região sul, de terra baixas, com solos mais pobres e paisagem caracterizada pela existência de savanas.

O clima é influenciado pelo regime de monções do Oceano Índico e pela corrente quente do canal de Moçambique. Apresenta-se temperado, nas regiões montanhosas e, tropical nas outras áreas. É chuvoso no norte e centro e mais seco na metade meridional. Distinguem-se duas estações: a das chuvas, de novembro a março, e a da seca de abril a outubro.

No século XII, mercadores árabes fundaram colônias comerciais em Sofala, Quelimane, Angoche e na Ilha de Moçambique. Os portugueses vieram ocupar Sofala em 1506. No início, Moçambique era governada como parte da Índia portuguesa, tornando-se, mais tarde, uma administração separada⁴.

4 A FRELIMO foi fundada em 1962. Lançou uma campanha militar, em 1964, com o objetivo de conquistar a independência de Portugal, o que aconteceu a 25/06/1975. A República de Moçambique tem por capital Maputo. Com a independência, foi promulgada uma Constituição do País. São reconhecidos como órgão de soberania o Presidente da República, o Conselho de Ministros, os Tribunais e o Conselho Constitucional.

A economia moçambicana encontra-se ainda num estado de subdesenvolvimento⁵. De característica familiar e, praticamente sem aplicação de tecnologia, a agricultura moçambicana produz milho, mandioca, feijão e arroz, sendo a atividade complementada pela criação de gado. A produção agrícola de exportação investe no açúcar, no chá e nos cítricos. Há uma exploração florestal desordenada, feita por estrangeiros. A atividade pesqueira aumenta gradualmente.

O setor industrial engloba pequenas indústrias ligadas à exploração mineira e à manufatura de matérias primas para exportação. Ambas as vertentes são exploradas por estrangeiros. Além de possuir a maior reserva de tantalite⁶ encontram-se facilmente outros minérios com elevados níveis de qualidade, como o ferro, ouro, bauxita, cobre, grafite, mármore, granada, diamante e pedra de cal. Moçambique tem a capacidade de ser um grande produtor de energia.

Há vários grupos etno-linguísticos. Existem minorias de origem asiática e europeia. A maioria da população é de origem Bantu, com diversos grupos étnicos e mais de quarenta diferentes idiomas. A língua oficial é o português.

A questão étnica do tribalismo, profundamente arraigada na cultura moçambicana secular, é um fator que se reflete nas relações sociais, políticas e religiosas o que dificulta a unidade nacional⁷.

5 Entra muito dinheiro do exterior, de ONG's, mas, nem sempre há transparência na sua utilização e aplicação.

6 A tantalita (Fe, Mn) (Ta, Nb) é um mineral composto de nióbio e tântalo, com fórmula química [(Fe, Mn) (Ta, Nb)]. É um minério bastante valorizado e aplicado na indústria eletrônica pois oferece resistência ao calor.

7 A título de ilustração, segue o depoimento de um Ex-Comandante da Aeronáutica, depois integrante da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, que participou diretamente da Guerra da Independência de Moçambique, após ter estudado 6 a 8 anos na Rússia. Diz ele: "Percebi que nós lutamos e desmantelamos o colonialismo português de nosso país. Tiramos os portugueses daqui à força, mas no final da guerra, eu mesmo tive que ouvir o seguinte: 'Agora, após termos conquistado a Independência, você pode voltar para a sua machamba (roça)'. Não

A família moçambicana sofre, cada dia mais, as tensões do elevado número de filhos e a falta de condições básicas para alimentá-los e educá-los. O país está num processo acelerado e incontrolável de urbanização. Jovens, principalmente meninas, saem do campo para as cidades e periferias em busca de trabalho, estudo e de uma vida melhor. O sonho da cidade, para os jovens sem preparo e sem oportunidade de emprego é uma ilusão que faz aumentar a mendicância e a criminalidade. Além disto, esta tendência levará os jovens à mutação de valores do mundo tradicional rural, tão fortes na cultura moçambicana, e passarão a ser substituídos pela ‘modernidade urbana’, onde os meios de comunicação têm forte influência, através dos apelos do consumismo, modismo, etc, sem uma adequada educação que acompanhe e oriente os jovens nessa passagem.

A mudança social, de significativas consequências, é a do papel da mulher. A tendência é a sua emancipação, sem adequada educação e orientação, mudança que, certamente afeta de modo expressivo, os relacionamentos tradicionais dentro do contexto familiar e social⁸. As instituições: família, sociedade e Igreja que sempre foram responsáveis pela transmissão de valores, perdem sua influência. A mídia - rádio, TV e internet - passa a influenciar a educação dos jovens e a mentalidade do povo.

Um fator alarmante é ainda a falta de acesso da população à água potável e ao saneamento básico. As doenças como

governará conosco e não terá outro emprego, pois não é da nossa tribo’. E quem disse isso, foi o 1º Presidente da República, Samora Machel junto com Joaquim Chissano. E, antes, eu fora o instrutor dos dois. Depois desse episódio que me relegou ao ostracismo e tive que deixar a Aeronáutica, convenci-me de que acabamos com o colonialismo português, mas não atacamos o mais grave problema da África: o tribalismo que nos divide e faz com que conflitos internos continuem sendo obstáculo permanente para a tão importante e necessária unificação nacional”.

8 Um trabalho urgente é o da promoção da mulher, possibilitando-lhe o acesso à educação e ao trabalho.

HIV/SIDA, malária, tuberculose, diarreia e outras doenças infecciosas são causa de muitas mortes.

2.1 Educação

Apesar de todas as melhorias, a educação continua sendo de baixo nível. É triste constatar a elevada percentagem de analfabetos. Também a formação dos professores é muito precária, na parte psicopedagógico, o que prejudica o ensino aprendizagem. É urgente o acesso à educação para todos, bem como um trabalho de educação cívico-política para às populações, possibilitando-lhes organizar-se e reivindicar seus direitos.

Já se verifica uma considerável melhoria, desde que oficialmente a Educação se tornou uma prioridade para o Governo e para outras instituições. Missionários de várias congregações religiosas e também de diferentes igrejas contribuem muito para o progresso. Servem na gratuidade e com o seu trabalho ajudam no campo da educação⁹.

O número de escolas secundárias continua aumentando no país. Multiplicam-se os cursos superiores e mais universidades estão sendo autorizadas. O Conselho de Educação de cada escola é eleito pelo corpo docente, estudantes e a comunidade escolar (pais e responsáveis). Em 2003 este Conselho foi criado na Escola Secundária de Jécua. De 2004 a 2006, Irmã Maria Emília Welter, snd, exerceu a função de presidente do Conselho, mais tarde Irmã Maria Bernardete Fengler, também Notre Dame, exerceu esta função. O Conselho é considerado a autoridade máxima da instituição¹⁰.

9 Numa Carta Pastoral, os Bispos de Moçambique apelam para que se dê a devida atenção à extrema importância da educação e legitimação do saber, que permitam a participação de todos num movimento que promova a equidade na educação.

10 Na oportunidade, a Escola Secundária de Jécua contava com 3.987 estudantes.

2.2 Religião

Os africanos têm uma experiência cósmica de Deus, muito ligada aos alimentos que são carregados de axé, aquela energia divina que está nas coisas. Sessenta e seis por cento (66%) do povo ainda venera os seus antepassados. A fé nos antepassados é o marco da religião tradicional africana¹¹.

A celebração do dia dos finados não faz parte da vida do povo africano. O dia da morte é para eles o dia do juízo. Também os vivos participam do julgamento. É um dia muito importante. Abandona-se tudo e todos participam da cerimônia na casa do falecido. Ali há muito choro. O choro ajuda o falecido a partir melhor para o seu lugar junto aos antepassados. Bebem por oito dias, há comida e bebida em abundância na casa do falecido. Há ainda muitos tabus em relação ao mistério da vida e dos mortos¹².

Na África venera-se o Deus dos antepassados, de Abraão, Moisés e Jacó. Pode-se ler ali o Antigo Testamento, porque tudo confere. A Igreja está tentando ser africana com a cor, as danças, os ritos, os gestos, as oferendas, as canções e refrãos laudatórios. Ela quer descobrir um jeito bem seu de ser, de entender e de viver a Palavra de Deus. Ainda se sente falta dos conteúdos teológicos básicos, da tradução da Palavra de Deus em algumas línguas locais, da compreensão profunda da Liturgia unida à vida. O povo anseia pelo Deus vivo e verdadeiro ao qual quer servir com alegria e unção. Quer reconstruir a nação, quer ser livre e ser Igreja local. Quer ser, sobretudo, a Igreja familiar, doméstica, onde há o chefe, os irmãos mais velhos e os irmãos mais novos. Está descobrindo que nas Sagradas Escrituras, também a mulher tem valor e pode

11 Os espíritos dos ancestrais são cultuados até a milésima geração. Ouve-se a voz dos pais dos pais nas florestas, nas grandes árvores.

12 Os espíritos dos antepassados regem e governam o passado, o presente e o futuro. Por isso o medo atinge o mais fraco que é eliminado. O curandeiro e o feiticeiro têm papel de trazer a paz e a saúde ou provocar o mal e a vingança.

ser líder, proclamar a Palavra de Deus, explicá-la e estimular a comunidade. A Igreja luta para que os sacramentos sejam inculturados. A Igreja católica está se consolidando através das Pequenas Comunidades Cristãs.

O que unifica a cultura africana é a noção e o sentido da vida. Para o africano a vida é um dom recebido e que não pode ter êxito senão quando vivificada desde o seu interior por Àquele que a concedeu. A vida deve ser vivida na presença e em contato com o Ser Supremo, os antepassados e a comunidade.

3 Vida Consagrada na África

Um dos maiores desafios para a vida consagrada na África talvez seja formar padres e religiosos dentro da cultura, tradição e dos valores africanos. Então a pergunta, como ajudar os vocacionados a sentirem-se livres, sem serem dominados pelo medo dos espíritos dos antepassados?

O vocacionado e a vocacionada, muitas vezes, não se sente à vontade em uma Vida Religiosa segundo uma cultura que difere da sua. É também difícil explicar a vida religiosa ao africano, por causa da renúncia à fecundidade física, um valor primordial na vida do indivíduo e do clã, segundo o conceito africano do ser humano. Um homem, para ser considerado de maioria precisa ter construído a sua casa e ter gerado um filho. Por isso, sacerdotes e religiosos, por não deixarem herdeiros, muitas vezes, não são considerados adultos.

3.1 Irmãs de Notre Dame - Rumo a Moçambique

A viagem das Irmãs pioneiras estava prevista para maio de 1993, contudo teve de ser adiada para setembro, pois a Diocese de Chimoio ainda não tinha condições estruturais para receber as Irmãs. Em 28 de setembro, enfim, começou a viagem tão

sonhada. No Colégio Notre Dame de Ipanema, Rio de Janeiro, cedo de manhã, as Irmãs se reuniram para a celebração da Eucaristia, invocando as bênçãos de Deus para a viagem. As missionárias relatam: *Naquele dia fomos informadas de que o Bispo de Chimoio sabia da data de chegada e que alguém nos iria esperar em Harare, capital do Zimbabwe, com os vistos originais para podermos entrar em Moçambique. Após o almoço veio um telefonema de Irmã Mary Joell, superiora geral, desejando-nos a bênção de Deus para a viagem e missão. Também outras comunidades telefonaram, apoiando a partida. Sentíamos que as Irmãs do Brasil e do mundo estavam conosco...*

3.1.1 Primeiras Experiências em Chimoio

Na primeira manhã, Dom Silota levou as Irmãs à Marera¹³, há 20 km de Chimoio, lugar onde seria a sede da missão Notre Dame. Os Padres e as Irmãs, que estavam nessa missão, abandonaram tudo por não terem mais segurança. O povo da aldeia teve suas palhoças inúmeras vezes destruídas pelo fogo da RENAMO¹⁴.

Dom Silota mostrou tudo às recém-chegadas. O sonho do Bispo era construir um Centro Polivalente de Formação de

13 Marera é uma grande aldeia. As palhotas de tijolos, taquara e barro eram cobertas de palha, a qual cresce em abundância em todo o país. No centro da aldeia, num bonito planalto, há diversas construções, a maioria danificada pela guerra. Era uma antiga missão. De um lado a casa dos Padres Franciscanos, do outro, a casa das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora; no meio, a igreja e, nos fundos, o internato. A igreja dedicada aos Apóstolos São Pedro e São Paulo, praticamente, não fora danificada. Durante as guerrilhas, após a independência, as construções haviam sido ocupadas como quartéis gerais da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique. Eram, pois, visíveis os sinais de balas nas paredes, vidraças quebradas, aranhas, baratas, cabritos.... Tudo abandonado!

14 Renovação Nacional Moçambicana – guerrilheiros que moravam e atacavam desde as montanhas e dos matos. A RENAMO constituiu-se uma oposição ao governo da FRELIMO, após a independência do país, em 1975, porque o Governo da FRELIMO excluía diversos grupos étnicos de seu governo e continuava a governar conforme o sistema opressor do governo português.

Lideranças, pelo qual as Irmãs seriam responsáveis. Elas narram: *“Consideramos o dia 01 de outubro, como dia da fundação de nossa comunidade porque nesse dia, finalmente, chegamos ao lugar, a partir do qual viveremos a nossa fé, a nossa vida religiosa e nossa missão apostólica”*. É também uma referência à fundação das Irmãs de Notre Dame em Coesfeld, na Alemanha.

a. Inculturação

Conforme desejo do Bispo, as Irmãs nada deviam fazer, no início, senão, olhar, escutar, observar e procurar conhecer a terra e a sua gente e inculturar-se, começando logo o estudo da língua dos nativos, o ‘chiutee’; estudar também a geografia, a história e a cultura do país. Foi um longo e duro período de aculturação, valorizando a cultura nativa, fazendo um trabalho consigo mesmas e com o povo, respeitando a história local. Portanto, empenhavam-se em conhecer a história vivida e contada pelo povo e que não está escrita; em ler e ouvir a literatura do país; em conhecer a expressão artística, cultural e religiosa bem como os princípios filosóficos e o sentir do povo.

Nos primeiros dias, as Irmãs saíram para conhecer o mercado popular, tipo feira, Tsunga Moyo, onde é possível comprar de tudo. Entraram também em algumas lojas para ver o que existia e para conferir os preços, transformando os meticais (moeda nacional) em dólares americanos e, daí, em cruzeiros (moeda brasileira). Chegaram à conclusão de que o custo de vida é alto.

Ao tomar conhecimento da primeira Carta Pastoral do Bispo, de 06 de janeiro: ‘Por onde começar?’ publicada no primeiro aniversário da instituição da Diocese de Chimoio na qual Dom Silota dá as pistas pastorais para a formação de “Pequenas Comunidades Cristãs”. Esta era a direção¹⁵.

15 As Irmãs aproveitaram ainda os primeiros dias para ‘exploração’ de fontes de informação, pesquisando a existência de jornais, revistas, rádio, TV, preços de

No dia 03 de outubro, por iniciativa da Igreja católica, em todas as dioceses e pequenas comunidades celebrou-se a ação de graças pelo aniversário do Acordo de Paz entre a RENAMO e a FRELIMO¹⁶, assinado em Roma no dia 04 de outubro de 1992. Em Chimoio fez-se a ‘Marcha de Oração’. Eram católicos, metodistas, hindus e muçulmanos. Os soldados italianos, conhecidos como ‘Capacetes azuis da ONU’, lá conhecida como ‘NU’, se integraram e acompanharam a caminhada de agradecimento pela PAZ¹⁷.

O estudo da língua¹⁸ se tornou um grande desafio para as Irmãs, pois desde 1950, não se ensinava mais as línguas locais nas escolas. Fora proibido pelo governo português. Por isso, quem ainda fala a língua local, geralmente não sabe escrever, ler e, muito menos, conhece a estrutura gramatical da mesma. Houve também resistência do povo a esta orientação oficial¹⁹.

mercado, etc. Muitas pessoas ajudaram as irmãs a compreender a cultura e a situar-se no país. Irmãs Salvatorianas, Padre Claudio Crimi. Outro grande amigo foi o Irmão suíço Max Gmür, dos Padres Missionários da África, engenheiro e arquiteto.

16 Partidos políticos.

17 As Irmãs fizeram uma valiosa documentação em vídeo e fotografias. Compareceram aproximadamente duas mil pessoas. A marcha foi pacífica, com o lema ‘Um ano de paz nunca mais a guerra!’, lema que orientou as celebrações em todo o país.

18 A exigência da inculturação é o estudo de línguas, sobretudo da língua local; na região de Jécua é o chimanica, um idioma, que ainda não existe por escrito, sendo uma variante da língua Shona. Ir. Maria Emilia Welter que chegou no ano 2000 - optou pelo estudo de Shona, por motivos práticos, pois havia mais facilidade de conseguir material escrito nessa língua. Mais tarde, a Ir. Valderis Simor, após a sua vinda para a Missão, em 2003, também estudou Shona. A Irmã foi muito bem acolhida pelas Irmãs de Nossa Senhora do Monte Carmelo, em Mutare. Como não havia curso, teve aulas particulares. Todas as irmãs se esforçam na aprendizagem de uma ou outra língua, como importante meio de enculturação e de aproximação do povo, em suas atividades.

19 Um pequeno grupo, entretanto, que já se reunira para estudar a estrutura, a grafia, etc., integravam a equipe desta língua. O Diretor Provincial de Cultura, da Província de Manica, o Bispo, religiosos e religiosas e pessoas que entendem bem chiutee. Os resultados desses esforços estão na tradução dos Evangelhos e

O Padre Manuel José Vieira elaborou um dicionário Chiutee – Português de 2500 palavras, ainda não foi publicado. Posto isso, tem-se o quadro das possibilidades e limitações na aprendizagem da língua chiutee. Até crianças estão interessadas em ajudar as Irmãs nesta importante tarefa. Mas foram os religiosos os grandes parceiros das irmãs. Assim descrevem “força e incentivo foram os religiosos e religiosas de outros países, especialmente do Brasil, que estão na mesma região e cujo suporte se dá reciprocamente, destacando-se as Irmãs Salvatorianas, os Irmãos de La Salle, as Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, as Irmãs e Padres Franciscanos”.

Na paróquia da cidade de Manica, celebram-se anualmente três grandes reuniões de oração. Como o povo judeu, os cristãos das oito zonas paroquiais, cada uma compreendendo, de cinco a sete comunidades, reúnem-se numa tarde de sábado. O objetivo do Gungano, o que em língua chimanica significa grande reunião, é celebrar a Páscoa, em abril; agradecer as colheitas, em junho e agradecer o ano, em outubro. Visa também o conhecimento e a integração dos cristãos da paróquia²⁰.

No final do ano de 1993, a comunidade das Irmãs de Notre Dame escolheu seu nome: ‘Mai a Murungu’ (Mãe de Deus), pois Maria é venerada com carinho pelo povo como ‘Mãe de Deus’. Um dos motivos da escolha deste nome é a tradição africana que favorece a acolhida e compreensão da maternidade virginal, preciosa doutrina-dogma de evangelização. O povo simples gosta de rezar o terço, no qual em cada Ave-Maria se

dos Atos dos Apóstolos para chiutee. A revisão foi feita pelos Freis José Macieira W. Muconde e Manuel José Vieira, OFM. Essa mesma equipe, além do catequista Chingosa João Alfinete, está trabalhando na tradução das Cartas de São Paulo e do Antigo Testamento.

20 Neste ano, o Gungano de 23 de outubro tinha o objetivo específico de agradecer um ano de Paz em Moçambique e pedir chuva. No final o Gungano foi encerrado com solene celebração da Eucaristia. A pé ou em caminhões, aos poucos, o povo começou a voltar para casa.

proclama Maria Mãe de Deus. Outro motivo desta escolha foi a festa da Mãe de Deus no dia 01 de janeiro, quando também é celebrado dia mundial da paz. E a paz para o povo moçambicano, neste momento histórico, é muito apreciada. Maria nos trouxe o ‘Príncipe da Paz’, o Deus Salvador.

O nome foi escolhido na língua chiutee, como meio de inculturação na realidade do povo autee e do povo moçambicano em geral. Murungu é uma das variantes das denominações do grande espírito que habita nas florestas e é responsável por tudo aquilo que não se consegue fazer. ‘Mai a Murungu’ é preciosa presença de Deus que se poderá tornar bem visível, explícita e iluminar o progressivo caminho da Evangelização.

b. Campos para a Missão

A missão das Irmãs era a responsabilidade pelo *Centro de Formação Permanente de Lideranças*. Este seria o principal campo de atividade destinado às Irmãs de Notre Dame em Marera. As Irmãs de Notre Dame começaram a integrar a Comissão Diocesana de Evangelização e Catequese, bem como as Comissões de Nutrição e Culinária. Participavam do Projeto de Pesquisa sobre o povo autee e sobre a língua, cultura, história e realidade de Moçambique em geral. Orientavam também os funcionários do Centro Polivalente de Formação. Na catedral de Chimoio, continuaram a colaborar na catequese e participavam da Comissão de Liturgia. Assumiram ainda a preparação dos crismandos, em Chimoio. Além de assessorar a Comissão de Saúde, Higiene, Educação comunitária, trabalho com as mulheres em Marera, preparavam documentação fotográfica e videográfica das atividades missionárias.

Além de Marera ser a sede para o trabalho missionário para as Irmãs de Notre Dame, o Sr. Bispo, Dom Silota, levou as

Irmãs para a região mais ao noroeste, Tambara²¹, a 370 Km da sede diocesana. À beira do rio Zambezi, perto da província de Tete, havia uma pequena comunidade de catecúmenos que participaram pela segunda vez da Eucaristia, depois de terem passado 22 anos, sem ter visto um padre.

Ao passar pela região de Inhazônia, Dom Francisco contou que em 1976, houve o massacre conhecido como ‘Massacre de Inhazônia’, que começou com a morte de um padre, de um catequista e de um leigo. O Bispo demonstra um carinho especial para com os mais pobres, os deslocados, os repatriados, os milhares ainda refugiados na África do Sul, no Zimbábwe e no Malawi. Este povo, ainda que pobre, é alegre, especialmente, as crianças. Pelas visitas feitas e acolhidas, as Irmãs logo se dão conta que precisam aprender a língua chiutee, uma das 45 línguas tribais de Moçambique. O professor Chingosa João Alfinete pertencente ao povo autee, fala a língua chiutee. Tem apenas a quarta série primária, é catequista, trabalha na secretaria da pastoral e é um dos tradutores da Bíblia e do Missal Romano, trabalho que então estava em andamento.

Enfim, aos 22 de abril de 1994, após 205 dias de hospedagem na Cúria Diocesana, as Irmãs tiveram a satisfação de poder mudar-se para sua casa, em Marera, lugar de seu principal apostolado. Ao chegarem, em Marera, os professores e 600 alunos estavam ainda limpando o terreno, ao redor da casa. No mesmo dia, foi ligada a energia elétrica. À noite, as crianças vinham admirar o espetáculo da energia elétrica.

21 Tambara seria mais tarde uma comunidade que o bispo oferecera às Irmãs. Com exceção do Pungue, todos os outros rios estavam secos. As pontes não mais existiam. Dom Silota, ao volante contou muitas histórias dos horrores da guerra colonial, da guerra rodesiana e de seus efeitos em Moçambique, bem como das guerrilhas pós-independência.

c. Relações com a Igreja local

O bispo da Diocese de Chimoio²², Dom Francisco João Silota, traçou as linhas mestras para a missão da Igreja local. Deu destaque especial às “Pequenas comunidades cristãs”. Elaborou também a metodologia da formação dessas pequenas comunidades cristãs, sua estruturação, as lideranças e suas funções.

Há a premência da formação de líderes católicos e catequistas para as pequenas comunidades cristãs. Isso também porque outras seitas religiosas proliferaram em toda a parte. Os líderes devem ajudar a viver a fé em profundidade, ser animadores da mesma fé nas suas comunidades, a fim de que o Reino de Deus se realize do jeito africano”.

No fim do primeiro ano da presença em Moçambique, as irmãs refletiram em sua pequena comunidade.

Somos recém-nascidas na África. Temos tudo a aprender. Muitos missionários já nos precederam e podem ser os nossos professores e formadores na iniciação à história, cultura e tradição africanas. Porém, mais do que eles, é o povo que sabe de suas raízes, de seus anseios e necessidades mais profundas. Só a atitude humilde do “sim” de Maria e do despojamento de Jesus Cristo, na Encarnação, nos serão luz e arrimo para acertar as veredas dos grandes sertões do coração ferido, espoliado, desfigurado do africano.

3.2 A atividade das Irmãs se consolida em Marera

A vinda das Irmãs significou uma bênção para o povo de Marera, que dizia: *‘Agora sabemos que a paz vai chegar para ficar, porque as Irmãs retornaram a morar no meio de nós!’* Em 1994, após dez meses de presença e de preparação, em Chimoio, as Irmãs deram o primeiro curso para catequistas de 16

22 Como estrangeiras, as irmãs não podem sair da Diocese ou do país, sem informar à Cúria Diocesana para onde vão e quando retornarão; isso é também uma exigência do Estado.

comunidades da Diocese. Um tradutor para a língua chiutee acompanhava os trabalhos. A falta de catequistas preparados, em conteúdo e metodologia, é um problema constante. Falta também o material mínimo necessário para a catequese e evangelização.

Em agosto foram formadas as Comissões de Higiene, Culinária e de Educação em Marera. Estas realizariam cursos de conscientização nas comunidades. Outra Comissão empenhar-se-ia pela construção de poços artesianos.

As Irmãs colaboraram também no processo de preparação da grande Assembleia Diocesana, em vista do Sínodo. Em setembro daquele ano (1994), Dom Francisco liberou as Irmãs para iniciarem, oficialmente, em toda a Diocese o Centro polivalente de Formação Volante. Daí em diante, começaram a percorrer a Diocese, de norte a sul, com intérpretes, procurando saber o que o povo desejava estudar e então surgiu a necessidade de planejar as atividades. À noite, quando não tinham onde se recolher, dormiam no carro, num saco de dormir. Levavam alguns mantimentos, água e material catequético para o treinamento. Cada viagem se constituía em um grande aprendizado para as Irmãs. Era admirável e louvável constatar como as comunidades começavam a se reorganizar após a guerra. Houve empenho geral nesta organização para efetivas participações.

Em 1995, devido aos longos meses de seca e por falta de água havia muita fome. O povo batia, diariamente, à porta, pedindo comida. Com a ajuda generosa das escolas das Irmãs de Notre Dame, da Alemanha, particularmente, de Irmã Maria Igna Kewitsch e um grupo de mulheres de Bocholt, as Irmãs puderam comprar um caminhão de milho e distribuí-lo. Receberam também ajuda do Kindermissionswerk de Aachen, para a construção de latrinas. Muitas famílias conseguiram assim, com a construção das mesmas, melhorar as condições de

higiene.

A espiritualidade deverá ser encarnada e inserida. As Irmãs propuseram-se a acolher a Palavra de Deus como graça que nos vem dos pobres. Para isso, iriam ler, rezar, partilhar e testemunhar essa Palavra, a nível pessoal, comunitário e de missão. Compreendiam a comunidade como força de onde se irradiava a sua missão apostólica. As Irmãs dariam continuidade ao serviço 'volante' de formação de lideranças – primeira evangelização.

Quanto à pastoral vocacional, a orientação do Bispo era que em cada paróquia se fundasse um clube vocacional, do qual os vocacionados deviam participar, antes de se definirem ou resolverem ingressar em uma Congregação religiosa. Dava-se ênfase à vocação diocesana para o sacerdócio e à vida religiosa. Não se podia receber vocacionados em casas de religiosos, nem manter casa de formação na diocese, antes de a respectiva Congregação ter completado oito anos de presença no país. Assim, antes de 1998, as Irmãs acompanhavam informalmente as jovens que mostravam interesse, convidando-as a passar os domingos com elas.

As atividades pastorais prosseguiram, abrangendo o nível diocesano e local. Através da pastoral da saúde, foram feitas muitas viagens a Chimoio, levando pessoas doentes ao hospital. Ir. Maria Licelda proferiu muitas palestras sobre saúde preventiva e higiene.

Em 1997, as Irmãs adquiriram 4 terrenos no Bairro Sete de Abril em Chimoio, destinados à construção da futura residência das Irmãs e da casa de formação para jovens vocacionadas.

Durante uma semana de Formação Permanente de Padres e Irmãs da Diocese de Chimoio, com a presença de Dom Francisco João Silota, as Irmãs Maria Nilse e Maria Dirce apresentaram os resultados da pesquisa feita sobre a realidade catequética na Diocese e o conteúdo do Novo Diretório

Catequético de Moçambique. Foram reconhecidos o valor e o amor à catequese. O mês de novembro de 1997, trouxe ainda um benefício especial para a comunidade das irmãs. Instalação de um computador e uma impressora, recebidos de doação do Fundo de Solidariedade da Congregação.

Em 1999 acentuou-se novamente a evangelização, considerando sempre como fundamental a busca de respostas às necessidades básicas da vida do povo: comida, casa, saúde, educação, segurança, conscientizando a pessoa de sua dignidade, de seus direitos e deveres, desenvolvendo uma autoimagem positiva e autoconfiança, em vista da libertação do medo, seja do feiticeiro, como dos antepassados e da guerra. Nesse esforço prosseguiram as atividades já iniciadas nos anos anteriores. No decurso do ano, foram promovidos novamente cursos, retiros e seminários de evangelização e catequese²³.

3.3 Transferência de Marera para Jécua²⁴

O Lar Cristo Rei está situado junto ao complexo de uma antiga Missão em Jécua, constando de uma Igreja, de um Lar masculino e feminino, de uma Escola, de um posto de saúde, uma residência das Irmãs, uma casa inabitada que pertencia aos Franciscanos. Nos arredores, encontra-se uma aldeia com aproximadamente 800 moradores. A Paróquia é constituída de

23 O Centro Polivalente de Formação continuava como 'volante'; experiência considerada muito boa pelas irmãs.

24 No final do ano de 1999, antes de sair de Marera, as irmãs fizeram uma avaliação do trabalho dos primeiros 6 anos a serviço da Diocese de Chimoio. Reconheceram que foram anos de inventar, construir, recriar, experienciar uma metodologia apropriada de trabalho apostólico, tentando responder à realidade social, cultural e eclesial. Agradeceram a Deus por terem acertado no essencial, apesar dos desafios, cumprindo a missão principal de formar lideranças a nível diocesano como Centro Polivalente Volante, tinham viajado do norte ao sul percorrendo a Diocese.

cinco comunidades cristãs. São comunidades vibrantes e de fé²⁵.

Logo depois do Natal, as irmãs partiram com Dom Francisco João Silota para conhecer o seu futuro campo de apostolado. As irmãs Franciscanas Hospitaleira da Imaculada Conceição que cuidavam do internato, ainda não tinham sido informadas da decisão final do Bispo de convidá-las a deixar a casa e a atividade para as Irmãs de Notre Dame. A notícia foi muito dolorosa para todas, de ambas as congregações.

Como é costume na tradição Autee naquela manhã no nosso “mata bicho”, contamos a novidade. Rezamos com a comunidade, despedimo-nos, almoçamos na companhia das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora que estavam para receber a casa que nós deixávamos para trás”. Ainda no mesmo dia partimos rumo a Jécua. Entardecia quando chegamos. Descarregamos as coisas, ajeitamos o principal, instalamos tão bem quanto possível a capela e acendemos a lamparina do sacrário. Jesus sacramentado estivera conosco, viajara conosco e recomeçava conosco. Isso foi confortador, no misto de

25 Em vista da falta de clareza de quem assumiria os custos da construção e administração do Centro Polivalente de Marera, e alguns impasses, pedimos ao Bispo a saída dela dessa atividade e nos prontificamos para assumir uma paróquia com um trabalho de inserção com o povo.

No dia 24 de dezembro de 1999, o Bispo Dom Francisco João Silota, visitou as irmãs em Marera. Ir. Nilse se encontrava sozinha em casa. Depois de elogiar o trabalho das Irmãs em sua Diocese, comunicou que já havia encontrado padres e irmãs para substituí-las no Centro Polivalente de Formação. Disse ainda: “O vosso trabalho a nível de Diocese terminou. Vós sois uma Congregação docente”. O Bispo ofereceu o internato feminino Cristo Rei, em Jécua a 15 km da fronteira com o país do Zimbabue e a 80 km de Chimoio. A atividade no internato teria início no dia 1º/2/2000. Convidou as Irmãs para colaborar na pastoral da Paróquia de Jécua. Além disso, seu desejo era que se interessassem pela Escola Secundária. Ele concluiu a sua visita com a proposta: “Ou Jécua ou abandonar a Diocese”.

Ainda na mesma tarde, o Bispo enviou um fax para o governo provincial em Passo Fundo, comunicando a sua decisão. Primeiramente, esta notícia causou grande impacto. Todavia, após alguns dias, o governo provincial informou ao Bispo que decidira aceitar a nova atividade.

sentimentos em que vivíamos”. Em Marera, a comunidade paroquial soube da saída das Irmãs para Jécua somente no dia da partida²⁶.

Conforme previsto, a Comunidade Mai A Murungu assumiu a responsabilidade pelo internato feminino “Lar Cristo Rei”. Além disso, na paróquia, assumiram a coordenação da Catequese e o acompanhamento da liturgia, um círculo bíblico, a formação de líderes para o trabalho de saúde e medicina natural e o envolvimento de mães em cursos de costura, bordado e culinária. Estas atividades tiveram continuidade e se consolidaram, sendo ainda outras acrescentadas, tais como: Participação da Comissão Justiça e Paz, Pontifícias Obras Missionárias em especial a Infância Missionária.

3.3.1 Internato

No início, o Lar²⁷ contava com 50 internas de 11 a 25 anos de idade, provenientes das dez Províncias do País. Frequentavam da 5^a a 11^a classes. Depressa este número foi aumentando até 80 internas. As irmãs descobriram que os pais das jovens queriam um ambiente sadio para as filhas onde fossem educadas para a vida.

Mas havia muitos problemas, embora, a maioria das jovens mostrasse grande resistência ao trabalho. Mas aos poucos, começaram a apreciar a possibilidade de aprender a bordar e costurar. Era preciso estar de plantão dia e noite, durante os 7

26 Por isso, organizou um programa de despedida oficial para mais tarde, a 09 de abril. Nesse dia, as seis zonas da paróquia estavam representadas. As Irmãs escreveram: “...Houve celebração da Eucaristia, louvando a Deus pela vida que juntos vivemos nestes seis anos. Ofertas, discursos e um almoço festivo complementaram o ato religioso. Somos agradecidas a Deus e ao povo pela vida que nos ensinaram a viver, pelo apoio que sempre nos deram, pela busca e caminhada conjunta. Foi nossa primeira amada e inesquecível experiência africana”. Novo desafio, novo trabalho pastoral, nova língua agora Chimanica.

27 Para LAR entenda-se internato.

dias da semana. Isto exigiu muita renúncia, muita morte interior ao longo do ano. Problemas de água, luz, gás, ciclone, enchente, estragos na casa, goteiras, doença das internas. Furtos na horta e na machamba²⁸, fuga de meninas do internato, desentendimentos, dificuldade de criar um mínimo de hábitos de convivência, de responsabilidade, de respeito pelo bem comum, de cumprimento do horário, era pão nosso de cada dia.

No dia 19 de fevereiro, as irmãs iniciaram o seu trabalho na paróquia, numa reunião de catequistas das cinco comunidades da zona de Jécua. A chuva era intensa. De três comunidades poucos puderam vir, pois tinham que atravessar o rio com água até a cintura. Para fazê-lo, deviam tirar a roupa, segurá-la perigosamente sobre a cabeça e, aos trambolhões, atravessar a correnteza das águas. Na outra margem tornavam a vestir-se e prosseguir a caminhada.

No domingo seguinte à chegada das irmãs, na Celebração da Eucaristia a paróquia Cristo Rei fez a acolhida oficial das Irmãs de Notre Dame e das internas, com a oferta de produtos da terra. Foi emocionante, pois deveras eram ofertas dos pobres. Talvez alguns não comeram naquele dia para poderem oferecer algo. Fevereiro é ainda a época de fome. Assim as irmãs sabiam o que significava cada espiga de milho verde, cada batata doce, cada ovo, oferecidos com generosidade e alegria.

Causa das malárias constantes era a época das enchentes, com muitas águas paradas e a falta de rede mosquiteira nas janelas do Lar. Passada a chuva e colocada a rede mosquiteira, os casos de malária prosseguiram seu ritmo normal de poucos casos.

Para as internas, a chuva torrencial, a falta de água e de energia eram até divertidas, pois não sendo possível trabalhar na horta, podia-se andar à procura de água em algum pântano ou riacho para tomar banho, lavar roupa e fazer a limpeza no

28 MACHAMBA equivale à roça, lavoura.

internato.

Naquele mês, iniciou também um grande trabalho de recuperação do pomar, o qual estava parcialmente destruído e totalmente coberto de um verdadeiro matagal. Foram meses de trabalho de limpeza, construção de uma cerca, depois, lavar e plantar 110 árvores frutíferas.

Os principais objetivos do Lar Cristo Rei, como também do internato masculino conforme proposta do Bispo, Dom Silota, são:

1. Oferecer a possibilidade de estudo aos mais desfavorecidos da Província de Manica, ou melhor, da Diocese de Chimoio;
2. Formação integral da pessoa humana²⁹.

3.4 Projetos e ações pastorais

A missão da Congregação Notre Dame consolidou-se em terras africanas, nesses vinte e cinco anos, mediante o dinamismo das Irmãs Missionárias que, incessantemente pensaram, organizaram e realizaram diversos e sólidos projetos, elencados abaixo

3.4.1 Construção de escolas Comunitárias em Marera

Grande benefício para a educação das crianças, dos arredores de Marera, são as Escolas Comunitárias, cujos professores e material foram pagos com recursos vindo da Alemanha. A insistência dos pais era para que seus filhos tivessem educação

²⁹ O bispo Silota sempre insistia sobre a necessidade de auto sustento da obra, através da machamba. Disso surgiram as seguintes sugestões: 1) Apresentar um relatório anual ao Bispo Dom Silota; 2) Reduzir os gastos de energia; 3) Aumentar as horas de trabalho na machamba; 4) Não aceitar mais meninas de outras províncias e, sim priorizar as mais desfavorecidas de nossa província, ou seja, aquelas que não têm onde estudar. Como ajuda para o auto sustento do Lar Cristo Rei, foi aumentada a área dos animais, restaurado o chiqueiro e construído um galinheiro e abrigo para cabritos.

primária. Foi limpadado um espaço debaixo de uma árvore, onde os alunos estudavam sentados na grama. Eram crianças de 6 a 14 anos de idade, que deviam ser alfabetizadas aprendendo a ler, a escrever e as quatro operações fundamentais. Enquanto isso os pais recolhiam estacas e outro material e, construíram uma escola-barraca, com material do local. Foram construídas as Escolas de Muconde, Chirinda Canheza e Muconje. Quando as irmãs saíram de Marera, haviam deixado construídas essas escolas de alvenaria para acolher 200 a 400 crianças, graças à ajuda da Alemanha, à boa vontade do povo e ajuda de algumas organizações não-Governamentais.

3.4.2 Poços em Jécua

Em Jécua, com a ajuda do povo e doações da Alemanha, as irmãs empenharam-se logo a solucionar o problema da água potável, providenciando a construção de poços. Em reunião o povo junto com o seu régulo, entenderam que pagariam a bomba do poço. Dessa forma, foram feitos cinco poços. Este acontecimento favoreceu a aproximação do povo com as irmãs, criando boas relações. Já em 2001, em Muzongo, foi solenemente inaugurado o primeiro poço, com a invocação dos antepassados e o pedido da bênção de Deus, após comentar os acontecimentos bíblicos em referência ao tema dos poços.

No bairro dos professores, Ir. Maria Emilia presidiu a inauguração do poço, com o mesmo ritual. Aí o povo escolheu o nome de “Poço de Abraão”. O terceiro poço foi feito, além da planície, para beneficiar os moradores daquela região. Mais outros dois foram construídos, sendo um para a Escola Secundária de Jécua e o outro para o internato feminino Cristo Rei. Assim, cinco poços estavam construídos, beneficiando os moradores das regiões e criando laços de união.

3.4.3 Promoção da Mulher

A mulher, especialmente no interior, ainda é muito submissa, dominada pelo marido e pelos homens em geral. A grande maioria é analfabeta. Existe, em nível de país, um grande empenho pela emancipação da mulher. Logo as irmãs perceberam que havia um grande trabalho nessa área. Irmã Maria Nilse se dedicou a isso. Em Marera, em 3 comunidades, surgiram grupos de mulheres. Após uma sondagem da realidade, esperanças e necessidades das mulheres e jovens surgiu a ideia de fazer pão para vender e, assim ter um fundo para ajudar nas despesas da casa. Foram feitos fornos com tambores e, cada grupo, prosseguiu, com a aprendizagem da confecção do pão. Enquanto a massa crescia, aproveitava-se o tempo para a aprendizagem da leitura e da escrita e a preparação de remédios caseiros.

Em Jécua, segundo a tradição cultural do povo maniquense, nas sextas-feiras, não se trabalha na machamba. É uma homenagem aos espíritos dos antepassados da região. Aproveitando este legado cultural, as organizações dos mais diferentes tipos, também a Igreja, aproveitam este dia da semana para encontros e reuniões. As Irmãs também o fizeram, reunindo nas sextas-feiras mulheres e jovens, iniciando com cursos de costura, bordado e tricô.

Em 2001, Dom Silota nomeou três Missionários de Guadalupe para formar uma comunidade em Jécua. Este evento trouxe grande benefício para os internatos, à comunidade e às Irmãs, pois teriam missa semanal no internato, na comunidade.

No ano de 2003, em vários municípios, formaram-se pela primeira vez alunos da 10ª classe. Em toda a Província havia apenas duas escolas secundárias completas: em Chimoio e em Jécua. O Governo encaminhava os estudantes para estas duas escolas, onde poderiam concluir os estudos da 11ª e 12ª classes. Seis municípios foram direcionados para Escola de Jécua que

não estava preparada para acolher tantos alunos, faltando salas e professores. Esse foi também o motivo da exagerada procura de vagas no internato.

A falta do número suficiente de pessoas preparadas levou os professores e a Irmã Maria Emilia à busca de livros e de orientação para a elaboração de planos de curso. Essa situação precária continuou ainda até 2004.

3.5 Fundação em Chimoio – Bairro Sete de Abril

A Congregação das Irmãs de Notre Dame, sonhara há muito tempo ter uma casa própria, próxima à cidade de Chimoio. Foi então comprado um terreno no bairro Sete de Abril. Ao saber da vinda das irmãs, o povo vibrava dizendo: *Agora temos a nossa Missão*. A 19/01/2001, chegaram as primeiras Irmãs com a mudança. Já nos primeiros dias, o Pe. Francisco Charles Sinate, então pároco na Soalpo, a que pertence o bairro Sete de Abril, veio celebrar a primeira Santa Missa, na capela, sendo então, acesa a lamparina do Santíssimo. Seguiu a bênção das duas casas. Os doze operários da construção participaram dessa celebração e bênção. Quando as Irmãs visitaram os vizinhos, logo estavam rodeadas de crianças felizes em poder acompanhá-las. Revezavam-se para que todas pudessem segurar a mão das irmãs. No domingo, na celebração da Palavra de Deus, na capela de São Francisco de Assis desse Bairro, as Irmãs foram apresentadas à comunidade. Apesar da chuva, a igreja estava lotada. Chamou atenção nessa pequena comunidade a participação de todos na liturgia e no canto. Estavam muito bem motivados e preparados, fruto do esforço de boas e corajosas lideranças.

As atividades deste primeiro ano, no Bairro Sete de Abril, podem ser resumidas em: animação vocacional, encontros e retiros vocacionais, participação na Comissão de vocações na diocese, participação no Conselho Paroquial, formação de

ministros da Eucaristia, catequese e formação de catequistas; pequenas comunidades cristãs; visitas às famílias; acolhida de visitas e hospedagem de padres e irmãs. Mais tarde, foram acrescentadas estudo de inglês e Shona e, pastoral da Infância Missionária. Realizavam-se cursos, encontros, retiros; houve também muita entreatura com outras congregações. A comunidade também se integrou ao trabalho de educação no Seminário Santo Antonio dos Freis Franciscanos.

3.6 Vocações - Formação inicial

Na festa da Anunciação do Senhor de 2004, três jovens foram acolhidas oficialmente como candidatas à vida religiosa da Congregação das Irmãs de Notre Dame. Antes da missa as candidatas receberam a Bíblia, a medalha de Santa Júlia, uma Capulana e camiseta branca, como distintivo de candidata. À celebração Eucarística seguiu um almoço festivo, na Casa de Formação. Daí em diante essas jovens começaram a morar nessa casa. Foi muito especial comemorar a festa do SIM de Maria com essas três jovens. As irmãs escreveram sobre este fato: *“Temos esperança e queremos acreditar no processo formativo nesta cultura tão diferente e pedir ao Bom Deus muito discernimento e confiança”*³⁰.

Devido ao contexto histórico da Educação do País torna-se compreensível a necessidade de um período mais longo para a jovem decidir a sua vocação. Até o fim da Colonização, em 1975, era recusado à maioria do povo nativo o acesso à escola. Somente depois da independência, a possibilidade de estudo, sem discriminação estendeu-se a todos e à iniciação cristã. Assim, somente em 2004, tornou-se possível abrir a porta da

30 Já em maio, reuniram-se algumas jovens por dois dias, na Casa de Formação. Os trabalhos das irmãs com a juventude na diocese são frequentes e bastante participados. Também isso dá esperança de vocações para o futuro. Nesse processo são necessários paciência histórica, perseverança e discernimento.

casa de formação para receber as primeiras formandas³¹.

O Plano de Formação foi elaborado com base no da Província da Santa Cruz de Passo Fundo e no de Tanzânia, contudo tomando em consideração a tão diferente realidade local. A falta de base acadêmica e de iniciação na vida cristã dificultam o processo da formação.

A questão cultural é um grande desafio. As irmãs procuram animar a promoção vocacional, sendo uma presença alegre e bondosa, vivendo o carisma e testemunhando a bondade de Deus. Irmã Maria Irene Kunzler se dedicou esmeradamente na comissão diocesana das vocações, ajudando encontrar novas formas de promoção e cultivo das vocações.

O dia 13/05/2006 marcou o ingresso no postulante das três primeiras candidatas moçambicanas: Joana Francisca Ngirase, Cacilda da Conceição Caetano Miguel Antonio e Lavenesse Jone Nazuo. As Irmãs esmeravam-se em preparar um ambiente acolhedor e festivo. A presença da Ir. Araci Maria Ludwig, aumentou ainda mais a alegria geral e todas as Irmãs da Província da Santa Cruz estavam unidas às felizes postulantes numa corrente de oração contínua por elas e por mais vocações.

3.7 Iniciativas e Eventos

De acordo com o desejo do Bispo, as Irmãs integram a maioria das Comissões Pastorais Diocesanas. Irmã Maria Nilse foi convidada para participar da comissão de elaboração do catecismo da diocese. É uma grande dificuldade encontrar catecismos para as diferentes etapas do catecumenato e catequese.

O engajamento da Irmã Maria Irene Kunzler na Comissão das Vocações foi muito valioso. Com esmero, em nível de Diocese, em paróquias, capelas, famílias e grupos de jovens por

31 Até então, a casa servira para hospedagem, férias, retiros e encontros.

meio de palestras, encontros, entrevistas e retiros, a irmã incentivou a animação vocacional. Os frutos em breve começaram a aparecer por meio de jovens vocacionados, candidatos ao sacerdócio e da fundação do Seminário Menor Diocesano de Jécua.

Ir. Maria Cecilia Giacomolli fez surgir um panorama novo e encantador na Evangelização, iniciando com o Movimento da IAM, Infância e Adolescência Missionária. Dezenas de crianças foram motivadas com seu lema “Criança ajuda e evangeliza criança”. O movimento expandiu-se em quase todas as paróquias da Diocese, como uma forma de evangelização e desenvolvimento do Espírito Missionário.

Desde o tempo de Marera, a atividade da Ir. Maria Licelda Giacomolli significou um bem imenso no campo da saúde. A Irmã iniciou a assim chamada horta da saúde, semeando e plantando, com as lideranças, as mais variadas e possíveis plantas medicinais. Realizou muitos encontros de grupos de líderes, em várias paróquias. Implantou a medicina natural, preparando agentes. Três dessas agentes percorriam, de bicicleta, as comunidades levando remédios caseiros e outros medicamentos, recebidos da MEDEOR, da Alemanha, por intermédio de Irmã Maria Igna Kewitsch, snd, de Mülhausen, e de um grupo de mulheres da paróquia de Bocholt.

O trabalho da construção de latrinas foi intensivo para conscientizar o povo sobre a higiene e o benefício de condições sanitárias. A irmã Licelda abriu uma farmácia de ervas, em Jécua com os medicamentos mais necessários para casos de urgência. Realizava exames de bioenergética³². A Irmã Licelda fazia parte da Comissão Diocesana de saúde, percorrendo muitas paróquias.

32 Com isso, a Irmã salvou muitos doentes que voltavam desenganados dos hospitais. “Ide e curai os doentes”, mandato assumido pela missão das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.

A Irmã Maria Emilia contribuiu no fortalecimento da espiritualidade dos sacerdotes, através de reflexões e retiros. Esse apostolado é muito valorizado na Diocese. Além disso, a irmã prestou valiosos serviços na Comissão de Justiça e Paz em defesa dos direitos humanos, junto ao povo. Na educação, empenhou-se incansavelmente na formação da juventude, em especial, no Lar Cristo Rei e na Escola Secundária de Jécua, onde exerceu a função de Presidente do Conselho de Educação de 2004 a 2006³³.

Com a saída da Escola Secundária Pública de Jécua, a população viu-se ameaçada. Aos poucos, Dom Francisco João Silota, Irmã Emília e o Pe. Joaquim Toris se empenharam em organizar a Escola Comunitária da Missão de Cristo Rei de Jécua. As atividades iniciaram com alguns professores contratados pela escola e outros pelo governo, dois agentes de secretaria e duas serventes. A abertura oficial foi no dia 23/01/2012³⁴.

Em setembro de 2008, Ir. Maria Emilia Welter foi nomeada pelo sr. Bispo para acompanhar os refugiados Zimbabwanos que vieram para a cidade de Manica. O número aproximado era de 200 pessoas.

33 Chegam mais missionárias. Desta vez as Irmãs Tania Maria de Andrade e Irmã Maria Bernardete Fengler. Com alegre entusiasmo, se integram neste novo mundo, através de uma necessária enculturação. Ambas ficaram em Jécua. Desenvolveram atividades manuais com as internas, como crochê, tricô, ponto cruz, costura a mão. Sem demora conquistaram as jovens. Estas estimavam muito as irmãs, especialmente por seu espírito jovial e alegre.

34 Foram nomeados Irmã Maria Emilia Welter como diretora, Pe. Joaquim Toris Acosta como Diretor Adjunto Pedagógico (DAP) e o Professor Calton Arminio como coordenador Pedagógico. A Escola iniciou com 4 turmas: Três da 8ª classe e uma de 11ª classe. Todas as classes funcionam com as disciplinas gerais de ensino de Moçambique, com acréscimo da disciplina de Valores Humanos para as 8ª, 9ª e 10ª classe e Cultura Religiosa na 11ª e na classe 12ª classe, Psicopedagogia.

4 Nova atividade em Dombe

Em 2006, a pedido do Bispo D. João Francisco Silota, a comunidade de Chimoio iniciou um novo apostolado, no campo social e da saúde em Dombe. A paróquia está situada na região montanhosa, a 120 km de Chimoio. A ela pertencem 20 comunidades, todas muito distantes e de difícil acesso. Poucas delas podem ser alcançadas de carro; as outras de bicicleta, a pé e/ou de canoa.

Irmã Maria Licelda foi liberada para, naquela localidade, trabalhar na saúde e vivendo na comunidade da “Fazenda da Esperança”. Quando tinha oportunidade e necessidade acompanhava o Padre John O’Donoghue, missionário irlandês da Sociedade dos Missionários da África, às regiões mais distantes para orientação e formação de mulheres para a saúde³⁵.

35 A Irmã relata de suas viagens de ida e volta a Dombe: “Às 7 horas, saí de Chimoio, numa condução sem janelas. Era um frio insuportável. A minha cabeça e corpo apanhando todo o vento! Tentei proteger-me com minha sacola para não esfriar o meu coração. Lembrei-me então de Santa Júlia e cantei baixinho; ‘Santa Júlia dos sapatos rotos dos pés incansáveis’... Animei-me mais, pois sabia quem estava à minha espera, quando chegasse em Dombe. Eram aidéticos, crianças subnutridas, queimados, cortados, com febre, malária, etc. Depois de uma hora, cheguei em Sussundenga, gelada e coberta de poeira, onde no carro do padre John, segui viagem até Dombe. Subimos e descemos montanhas. Ao pé de uma montanha, visitamos a comunidade chamada Chinda, passando por caminho péssimo, esburacado atravessamos um rio por cima de dois paus. Primeiro, o Padre desceu e entrou no rio para ver se dava passagem. Eu fiquei no carro, rezando à Santa Júlia e São José. Durante a celebração Eucarística, começou a chover forte, para o povo é sinal de bênção. A irmã escreveu ainda: “Durante os 35 anos que trabalhei em hospitais não vi o que estou vendo aqui, no dia a dia, deste povo sofrido e necessitado. Todos os dias, uma senhora e eu atendemos de 30 a 40 pessoas, os mais doentes. Caminham horas para aqui chegar. Passam no Posto de Saúde e, depois vêm aqui para a Missão. Estou feliz em poder fazer esta nova experiência e de fazer o trabalho que Jesus fez”.

5 Formação e Primeira Profissão Religiosa

Em maio de 2008 aconteceu em Marera, a 3ª Conferência internacional Notre Dame da África com o tema: “A espiritualidade das irmãs de Notre Dame na cultura Africana”. Ir. Maria Sujita, a superiora geral, fez a abertura de uma forma brilhante. As irmãs presentes eram em número de 28, vindas dos 4 países das missões na África: Tanzânia, Quênia, Uganda e Moçambique. Estiveram presentes as superiores provinciais responsáveis por estas missões³⁶. Dom Francisco João Silota celebrou a Santa Missa de abertura. Na homilia, animou a Congregação para a continuidade da missão neste país, e agradeceu o trabalho das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.

Em maio de 2010, houve a primeira Profissão Religiosa de nossas duas Irmãs Moçambicanas, Irmã Maria Cacilda da Conceição Miguel e Irmã Maria Lavenesse Jone Nazuo. A cerimônia realizou-se na Paróquia da Soalpo, em Chimoio. A superiora provincial de então, Ir. Maria Lori Steffen, recebeu os votos em nome da superiora geral.

As irmãs procuraram, ao longo dos anos, integrar-se nas atividades diocesanas e se aprimorar na formação permanente e específica. Irmã Maria Irene Kunzler iniciou a Escola de Formadores em Maputo. Foi o primeiro Curso promovido pela CIRM CONFEREMO NACIONAL com a duração de 3 anos.

Outro momento histórico, em 2013, foi a viagem de nossas candidatas para fazer o postulante e o noviciado em Arusha Tanzania³⁷.

36 Ir. Maria Odete Weschenfelder do Brasil foi convidada para ser a tradutora na Conferência.

37 As jovens Ema Virginia Euclides Argumassa, de Quelimane. Finita Pedro Farnela de Munhinga - Sussundenga. Turesse Villiard Linado de Chicuéia - Machipanda, iniciaram o postulante em Arusha, Tz. A partir desta data a formação à Vida Religiosa Consagrada Notre Dame seria em Arusha, na Tanzânia, sede da Congregação de Notre Dame, na Tanzânia. A formação seria em nível de África.

Em 23 de março de 2013, foi inaugurada uma nova casa, perto da Escola Notre Dame Mwana Une Rukariro, para as aspirantes. Neste dia também foi o ingresso oficial das aspirantes e candidatas.

6 Acidente e morte

Em inícios de janeiro de 2016, Irmã Maria Bernardete e Irmã Maria Imelda Hübner, retornam do Brasil. Irmã Imelda Hübner vai com a juniorista Lavenesse Jone Nazuo para Nairobi, a fim de participar da preparação aos votos perpétuos, junto com as junioristas da Delegação Geral do Espírito Santo na Tanzânia e Quênia. Irmã Bernardete Fengler, no entanto, volta para Chiomoio e Jécua, sendo buscada com o carro de Jécua em que estavam Irmã M. Emília Welter e o motorista da comunidade.

No caminho para Jécua, de carro, as irmãs sofrem acidente e as duas irmãs, Bernardete e Emília, ficam feridas e são internadas no Hospital de Chimoio. Irmã M. Bernardete não resistiu e faleceu no dia 20 de janeiro de 2016. Foi um choque muito grande para todas as missionárias e para a Congregação inteira. A Irmã voltara do Brasil com planos e sonhos, mas Deus em seus desígnios decidiu diferente.

Irmã Maria Bernardete Fengler é a primeira irmã de Notre Dame, enterrada em terras africanas. Confiamos em sua intercessão para a perseverança e novas vocações religiosas e sacerdotais.

7 Consolidação da presença Notre Dame em Moçambique

Um marco para celebrar os 20 anos de presença em Moçambique, 2013 e 90 anos de presença no Brasil, a Congregação das Irmãs de Notre Dame, fundou a Escola Notre Dame Mwana Une Rukariro. A celebração realizou-se nas dependências da Escola, no bairro Sete de Abril. De fato, foi um

dia de louvor por podermos oferecer, já por 20 anos, nossos dons missionários a favor do povo Moçambicano.

O evento, para a comemoração dos 25 anos de nossa presença, em Moçambique, é a nova missão iniciada em 10 de janeiro de 2018, em Gorongosa. A celebração dos votos perpétuos da Irmã M. Cacilda, irmã nativa moçambicana, celebrada em novembro foi um outro evento celebrativo dos 25 anos de presença Notre Dame em Moçambique.

7.1 Nova missão em Gorongosa

A partir de novembro de 2017, iniciaram negociações para a abertura de uma nova missão em Gorongosa, na Província de Sofala, Arquidiocese da Beira. Várias viagens foram feitas para acompanhar a reforma da casa e as conversas com os padres da Paróquia sobre as atividades a serem assumidas no Internato feminino daquela missão.

No dia 10 de janeiro de 2018, foi iniciada a nova comunidade, chamada Irmã Maria Ignatia, em Gorongosa, na missão de Cristo Rei. Três irmãs foram destinadas para esta missão, Irmã M. Irene Kunzler, Imelda Hübner e Ester Marie Moisés Eduardo Mudzenguerere. Além das Irmãs, o bispo diocesano, Dom João Carlos Hatoa Nunes, de Chimoio, acompanhou as irmãs ao seu destino, na Diocese da Beira.

No segundo ano de presença da comunidade Notre Dame, a missão já se ampliou com o pedido e insistência do Bispo Arquidiocesano Dom Claudio Dalla Zuana, para as irmãs assumirem, em 2019, a administração e direção dos Internatos masculino e feminino e da Escola da missão. Antes esta direção e administração estava sob o cuidado do Pe. Abilio Patrício Januário.

Uma das primeiras dificuldades enfrentadas foi o incêndio em uma das alas do internato feminino. Graças a Deus ninguém

se feriu, mas o prejuízo material foi muito grande. As irmãs e internas receberam muitas doações, inclusive dos funcionários do Parque Nacional de Gorongosa, que fica ali perto.

7.2. Missão e desafios

A missão Notre Dame em Moçambique continua com grande esperança e ao mesmo tempo desafios múltiplos. A sustentabilidade de pessoas e financeira é um deles. As Irmãs brasileiras são poucas, as nativas agora em número de 10, mas sem a devida formação acadêmica, para atuar na missão principal - EDUCAÇÃO E SAÚDE, EVANGELIZAÇÃO E FORMAÇÃO INICIAL. Como em toda a parte, as Irmãs de Notre Dame, trabalham para o seu próprio sustento. Um dos maiores desafios é adotar o estilo de vida do novo país. Por estilo de vida entende-se a expressão da cultura, dos princípios, da tradição e da realidade existencial, conforme proposta da diocese.

As solicitações pastorais do Bispo significam desafios, tais como:

- Insistência na necessidade do estudo de línguas, de provérbios populares e, mesmo de piadas que manifestam a filosofia e o senso de humor, como meios de penetração na alma africana.
- Promoção das “Pequenas Comunidades Cristãs” ao semear a Boa Nova.
- Formação adequada de lideranças leigas.
- Aumento e melhoria da pastoral em geral: A pastoral da Catequese social e outras. Daí o imenso desafio do número insuficiente de irmãs para tantos setores, sobretudo, a falta na Saúde curativa e preventiva.
- Número limitado de Irmãs que se possam dedicar à promoção humana sobretudo da mulher, incluindo costura,

culinária e puericultura. A mulher e a criança não têm “rosto” e muitas vezes, são abandonadas, sem direitos nem a satisfação das necessidades fundamentais da vida.

- Urgente necessidade de mais professores, especialmente a partir da aprovação do governo para o funcionamento das escolas particulares.
- Analfabetismo gritante.
- Fruto de um contexto de guerra e colonialismo deixou as pessoas fechadas e desconfiadas.
- Falta de água potável e de alimentos básicos para a sustentabilidade do povo e famílias.
- Muitos dos desafios iniciais da missão, em 1993, continuam ainda hoje. Em toda a parte, somos solicitadas para novos postos de trabalho. Nossas forças nem sempre alcançam o solicitado.
- O problema das malárias recorrentes preocupa a todas. Desde o início, as irmãs dizem que esta é uma das cruces que acompanha a missão e a vida das missionárias.

Referências bibliográficas

ANAIS das Irmãs de Notre Dame. Arquivos da Casa Provincial. Passo Fundo (desde 1993 até 2018). Os Anais são escritos por várias pessoas, ao longo dos anos.

JAEGER, Irmã Maria Boaventura. Manuscrito sobre a História em Moçambique, por. s/d.

Relatos orais dos povos nativos e da experiência das Irmãs de Notre Dame em Moçambique.